

## LITERATURA POPULAR NA SALA DE AULA: UMA ANÁLISE DE PATATIVA DO ASSARÉ PELO VIÉS DA ECOCRÍTICA

Thaynã Emanoela Guedes Carneiro (1); José Paulo Alexandre de Barros Júnior (2); Maria de Fátima Ramos da Silva (3). Tarcízio Lopes Xavier (4).

(1) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail: [thayguedesc@gmail.com](mailto:thayguedesc@gmail.com)

(2) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail: [josepaulo08@bol.com.br](mailto:josepaulo08@bol.com.br)

(3) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail: [fatima97ramos@gmail.com](mailto:fatima97ramos@gmail.com)

(4) Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte. E-mail: [tarcizio\\_lopes@hotmail.com](mailto:tarcizio_lopes@hotmail.com)

**RESUMO:** Este trabalho tem como objetivo relatar experiências acerca da inserção da literatura de cunho popular no contexto escolar. A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Aplicação Professor Chaves no Município de Nazaré da Mata – PE, e está pautada no enfoque qualitativo e método descritivo-explicativo da análise em sala de aula dos poemas *Dois Quadros* e *Eu e Meu Campina*, de Patativa do Assaré pelo viés da ecocrítica. Pretendíamos por meio desta abordagem, evidenciar o papel da literatura popular enquanto representação da cultura e da realidade tangível de um povo. Deste modo, a pesquisa busca mostrar métodos que instrumentalizem professores a inserir a literatura popular na sala de aula, além de conscientizar estudantes acerca da importância deste gênero literário como um meio de valorização do patrimônio histórico e cultural do povo brasileiro.

**Palavras – chave:** Literatura Popular; Ecocrítica; Patativa do Assaré;

### 1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a literatura nos põe em um patamar cheio de possibilidades. Neste sentido, ela também engloba nosso contato com a condição humana: conhecer a nós mesmos, outros humanos, outros seres que habitam a biosfera e ainda, nosso próprio lugar no universo. Professores de literatura tanto na escola, quanto na universidade, não podem estar alheios às transformações sociais e políticas que um texto retrata, seja em um âmbito local ou global. É de total importância que atualmente existam suportes teóricos apropriados à leitura do texto literário que também sejam aptos a atualizar o texto com as realidades próprias dos tempos atuais.

A interação entre homem e natureza também é assunto para se discutir na sala de aula, principalmente no que tange o texto literário. A literatura é rica em autores e poemas que retratam questões ecológicas e silenciar a escola para essas questões é um dano literário, o que faz cada vez mais nutrir a desesperança de que muitos acreditam que a literatura não serve para nada. Outro ponto de vista é de que “a alfabetização ecológica deve se tornar requisito

essencial para políticos, empresários e profissionais de todos os ramos, e deveria ser uma preocupação central da educação em todos os níveis” (CAPRA, 2008, p. 25).

O objetivo desta pesquisa é levar os estudantes a uma percepção mais aprofundada sobre os seres humanos, não humanos e o meio ambiente através de representações e manifestações literárias. Mais especificamente, aprender a analisar um poema pelo viés da Ecocrítica. Perceber os elementos ecológicos que compõem o texto literário em questão, ganhar interpretações novas em relação à interação de homem e natureza e ainda aprender, reconhecer e valorizar mais os aspectos da literatura popular nordestina.

## 2. ECOCRÍTICA NA SALA DE AULA

O movimento da Ecocrítica começou a ganhar força no século XX a partir dos anos 60 com o incentivo do ambientalismo moderno. Este movimento é baseado em uma crítica literária que tem como objetivo observar como a literatura pode ser de interferência ou contribuição para o estudo ambiental e conscientização dos leitores acerca do tema. De acordo com Glotfelty:

A ecocrítica é um estudo das relações entre a literatura e o ambiente físico. Assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros, a crítica marxista traz para a sua interpretação dos textos uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centradas na Terra. (GLOTFELTY *apud* GARRARD, 2006, p. 14)

Partindo de um pressuposto ecológico onde tudo está interligado e o homem é uma parte integrante desse sistema, a ecocrítica procura estimular a interação entre escritor-texto-mundo. Sobre o espectro do ambientalismo, ela possui várias direções de interpretações literárias, chamadas de *tropos*. Estes se dividem em: pastoral, mundo natural e ambientalismo apocalíptico.

O tropo pastoril prisma para a fuga do homem para o campo e faz contrastes entre o campo e o urbano. O tropo do mundo natural fala sobre uma natureza intocada pelo homem, um espaço de pureza que revigora o homem em detrimento das poluições da cidade. E por último o tropo do ambientalismo apocalíptico, que retrata sobre um sentimento de extinção da natureza, na qual a paz advinda dela e também ela própria seja extinta, roubada, etc. Na poesia patativiana, o poético se relaciona com “o poeta e o sertão, o criador e a criatura (...) homem e poesia, natureza e cultura dialogam (...)” (FEITOSA, 2003, p. 94).

Portanto, sobre uma ótica da ecocrítica, o professor pode interrogar um texto baseado em várias questões que partem desde como a natureza é representada no texto, como as metáforas sobre a terra nos ajudam a pensa-la melhor, quais os valores que são claros no objeto de análise, como se dá a interação entre o homem e a natureza no texto e se esses são ou não compatíveis com o conhecimento ecológico.

Aos alunos pode se passar as visões de como contribuir para que a habitação na terra seja mais saudável, consciente, cuidadosa e responsável. Visto que a literatura tem relevância na formação da vida do leitor e pode trazer-lhe reflexões acerca de seu engajamento com a natureza e posteriormente, mudanças de hábitos e atitudes acerca do tema. Pode-se também trabalhar a intertextualidade, visto que a ecocrítica engloba outras matérias como biologia, história, dentre outras.

### **3. METODOLOGIA**

A pesquisa em questão possui caráter qualitativo e método descritivo-explicativo, visto que escolhemos especificar o caminho metodológico da pesquisa. Com base na especificidade da problemática, procuramos praticar nossa autonomia acerca de práticas pedagógicas e criamos nosso próprio método de desenvolvimento dessa pesquisa. Encontramos apoio acerca de práticas pedagógicas independentes no autor Mills (1965) que defende a ideia:

Evitemos qualquer norma de procedimento rígida. [...] É imperiosa a reabilitação do artesão intelectual desprezioso, e devemos tentar ser, nós mesmos, esse artesão. Que cada homem seja seu próprio metodologista; que cada homem seja seu próprio técnico; que a teoria e o método se tornem novamente parte da prática de um artesanato. Defendemos o primado do intelectual individual; sejamos a mente que enfrenta, por si mesma, os problemas do homem e sociedade (MILLS, 1965: 240).

Esta pesquisa se associa a um estudo de caso, visto que iremos analisar a receptividade e interação dos alunos em relação à ecocrítica no texto. O estudo de caso poderá alcançar as relações entre o texto e o leitor e a mediação estratégica do professor, sempre acompanhando as possíveis transformações que podem ocorrer nos alunos durante a pesquisa e como eles podem se relacionar com o tema trabalhado.

Para realizarmos este objetivo, escolhemos uma turma de 8º ano que contém em torno de 38 alunos da Escola de Aplicação Professor Chaves da cidade de Nazaré da Mata, localizada em Pernambuco. Para a análise escolhemos dois poemas de Patativa do Assaré,

intitulados de “*Dois Quadros*” e “*Eu e Meu Campina*” no qual foram analisados e discutidos no grupo de discussão realizado com os referidos alunos.

#### **4. O AUTOR E AS OBRAS**

Antônio Gonçalves da Silva mais conhecido por seu pseudônimo “Patativa do Assaré”, nasceu em 5 de março de 1909 na cidade de Assaré, Ceará. Começou a escrever pequenos textos e poesia quando tinha 12 anos e aos 16 anos passou a se apresentar em saraus e pequenas festividades em Assaré. O pseudônimo “Patativa” se deu devido à semelhança entre seu canto e o do pássaro Patativa, possuidor de um canto suave e único.

Foi um importante compositor, improvisador, poeta e produtor de literatura de cordel. Suas representações são de muito valor para a comunidade popular nordestina. Seu tipo de escrita diz muito sobre a comunidade nordestina, visto que ele utiliza da linguagem popular em seus poemas. Sempre retratando o sertão e a natureza, e ainda, críticas ao governo que se mostra totalmente alheio as necessidades do povo nordestino que é assolado com a seca.

No poema “*Dois Quadros*”, o autor mostra como os homens estão inseridos na natureza, como se fosse parte integrante dela. Isso demonstra um tipo de tipofilia que pode ser conceituada como o elo da natureza e do homem, o sentimento que se têm para com o lugar. Já no poema “*Eu e Meu Campina*” o poeta percebe a natureza mesmo estando longe dela, de maneira sensorial por meio do canto do pássaro. Esperamos que essas considerações e outros pontos de vistas ecocríticos contidos nos poemas sejam percebidos e debatidos pelos alunos.

#### **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Para um melhor entendimento desta sessão, dividimos em três aulas: investigação teórica, análise do poema “*Dois Quadros*” e análise do poema “*Eu e Meu Campina*”.

##### **5.1 Aula 1: Explicação teórica**

Primeiramente apresentou-se uma investigação teórica acerca da Teoria da Ecocrítica dentro da literatura. Apresentamos aos alunos o primeiro texto no qual se deu o ambientalismo moderno e conseqüentemente a ecocrítica. O texto é intitulado de “*Uma fábula para o amanhã*” do livro *Primavera Silenciosa* de Rachel Louise Carson. Foram distribuídos em sala para a leitura e análise. A medida que se foi lendo, fomos evidenciando o ambiente no qual o texto falava e assim íamos percebendo a aceitação dos alunos em relação a leitura.

Após a leitura precisa do texto, foram explicadas aos alunos as vertentes interpretativas que a ecocrítica possui em relação ao texto literário, que são chamadas de *tropos*. Pedimos para que eles escrevessem no caderno o que eles entenderam de cada tropo à medida que fomos explicando, para que após as elucidações, pudéssemos investigar os elementos contidos no texto. Em seguida, pedimos para que cada um encontrasse os elementos de cada tropo no texto para que começássemos a discussão.

Inicialmente, percebemos que alguns dos alunos se recusaram a falar, mas a medida que outros foram discutindo, esses foram participando. Os alunos conseguiram identificar o tropo de mundo natural, no quais alguns citaram que a natureza era bonita e não tinha lixo, e também que havia muitos pássaros, bem como a identificação do tropo pastoral, no qual perceberam que há um ambiente urbano e também existe uma quantidade significável de natureza envolta. Porém, eles tiveram dificuldade em distinguir o tropo do ambientalismo apocalíptico. Analisamos a parte em que a natureza contida no texto foi destruída pelas ações do homem e eles demonstraram interesse. Percebemos que não houve dificuldade em entender o tropo em questão, mas sim de articular uma resposta.

## **5.2 Aula 2: Análise do poema “Dois Quadros”**

Visando uma leitura mais compensada do poema, dividimos a turma em 2 grupos para que a análise fosse mais estruturada e norteada. Distribuimos o poema entre os grupos e pedimos para que anotassem as partes do poema que continham os tropos estudados na aula anterior. O grupo 1 apresentou anotações sobre as partes “Vai cheio de vida sorrindo, contente, / Lançar a semente na terra molhada.” e “Se o dia desponta, que doce harmonia! / A gente aprecia o mais belo compasso. / Além do balido das mansas ovelhas” alegando que sentiram uma forte ligação do homem com a natureza, como se mostra no tropo de mundo natural. Sobre o tropo de pastoril, eles sugeriram os seguintes versos “E o povo se achando sem pão e sem veste, / Viaja a procura da terra do Sul.” e “Porém, quando chove, tudo é riso e festa, / (...) / Escutam-se as notas agudas e graves / Do canto das aves louvando a natura”, citando a tristeza do homem em ir pra o espaço urbano e a alegria que ele tinha quando chovia em sua terra envolta de natureza.

O que chamou atenção do grupo 2 foi a percepção apocalíptica da natureza no texto. Eles argumentaram que perceberam que o apocalipse no caso desse poema se dá não pela destruição do homem com a natureza, mas sim da própria natureza. Pelo fato da seca atingir tanto a natureza que o homem ao seu redor é obrigado a procurar o espaço urbano, entretanto,

quando chove, tudo se transforma e o “paraíso” do homem volta. Sentimo-nos felizes pelo interesse e percepção dos alunos em diferentes tipos de interpretação envolvendo a ecocrítica no poema.

### 5.3 Aula 3: Análise do poema “Eu e Meu Campina”

Novamente dividimos a turma em 2 grupos para uma melhor compreensão dos resultados. Como o poema em questão é mais extenso, pensamos que a leitura poderia se tornar enfadonha para os alunos, mas para nossa surpresa não percebemos ninguém aborrecido por continuar lendo. A análise do grupo 1 identificou o tropos pastoril na parte “Me envolve nesta cidade / Certa sombra de tristeza / Sentindo a roxa saudade / Das vozes da Natureza” e apontou como o desejo do homem de fugir do cenário da cidade e voltar para o campo. Já nos tropos mundo natural, apresentou-se os seguintes versos “Longe daquele ambiente / Tão puro e tão inocente” no qual apontaram o prazer do homem em estar naquele lugar, como se o lugar o fortalecesse. Durante a análise pudemos notar a identificação de alguns alunos com o contexto do poema, quando, por exemplo, um aluno falou que o seu avô possuía também um pássaro da campina.

Dando continuidade a análise, o grupo 2 se mostrou muito atento ao tropos apocalíptico e outra vez citou que a tropos do ambientalismo apocalíptico no poema em questão foi o destino do homem. Nos seguintes versos “Saí do meu paraíso / Porque na vida é preciso / Gozar e também sofrer” alegaram que o homem vivia em seu paraíso no campo e que por desventura da vida ele acabou indo para a cidade onde fica triste, o que se assemelha a sua natureza sendo “extinguida” dele. Já no tropos mundo natural eles apontaram os versos “Foi ali que eu fui crescendo, / Fui lendo e fui aprendendo / No livro da natureza” e denotaram a ligação do homem com a natureza desde cedo.

Ao término da pesquisa, fizemos um debate com os alunos indagando o que eles tinham aprendido com os poemas analisados em relação a problemas ecológicos. Maioria dos alunos afirmou que é importante cuidar da natureza para que ela fique como é retratada nos poemas. Citaram também que devemos criar uma ligação com a natureza, ser amigo dos animais e não destruir plantas e árvores.

Como um momento de descontração, tentamos apresentar um gênero oral popular que é a *cantoria repente*, visto que nosso objetivo é a valorização da cultura popular. Escolhemos uma cantoria da dupla Zé Monte & Fenelon Dantas intitulada de *Preservando a Natureza*, que retrata uma questão ecológica no estilo popular. Os alunos se mostraram interessados e alguns

disseram que seus avós ouviam muito. Esse momento nos rendeu muita descontração e boas reflexões.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode observar, os conhecimentos ambientais podem contribuir para uma compreensão com teor mais democrático da literatura em sala de aula, tanto em níveis elementares quanto nos elevados níveis de ensino. Toda visão pode ser atualizada, nenhuma abordagem em sala de aula é melhor ou pior, mas todas participam enquanto são possibilidades, na construção de sentidos.

Reger e planejar esta pesquisa com os alunos do Ensino Fundamental nesse curso significou para nós um progresso pessoal e profissional, visto que a sala de aula oferta ao professor e aos seus alunos, modos novos de agir, pensar valores, compromissos, desejos e vontades. Transformando a prática de leitura em um processo vivo, dinâmico e prazeroso.

A sensação que tivemos é de que se trabalhar a ecocrítica na literatura se torna uma estratégia importante para se trabalhar diferentes visões de mundo e a criação de afetividade com a natureza. Além de mostrarmos aos alunos um pouco da literatura popular para sua valorização e reconhecimento em temas importantes. Vale a pena investir na teoria da ecocrítica também como atividade interdisciplinar, visto que trabalha com propostas interdisciplinares.

## 7. REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa. **Ispinho e fulô**. São Paulo. Hedra, 2005.

\_\_\_\_\_. **Cante lá que eu canto cá – filosofia de trovador nordestino**. 8º ed., Petrópolis: Vozes/Crato. Fundação Pe. Ibiapina, 1992.

CAPRA, F. Educação. In: TRIGUEIRO, A. (Coord). **Meio ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. p. 19-33.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. Trad. Cláudia Sant'Anna Martins. 1. Ed. São Paulo, Gaia, 2010.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré: a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras Editora, 2003.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: UNESP, 2006.

GLOTFELTY, Cheryll. **Ecocriticism reader**. University of Georgia Press, 1996.



MILLS, C. W. Do artesanato intelectual. In: \_\_\_\_ **A imaginação sociológica**. 6. ed. São Paulo: Zahar, 1986.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. In: Via Atlântica, São Paulo, n.14, 2008. p. 11-22.